UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROFESSOR ANTÔNIO GARCIA FILHO
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

EMERSON HUGO SANTANA

USO DE APLICATIVOS EM EM DISPOSITIVOS MÓVEIS PARA DENÚNCIA E IDENTIFICAÇÃO DE ABUSO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: REVISÃO DE ESCOPO

LAGARTO
2025

EMERSON HUGO SANTANA

USO DE APLICATIVOS EM EM DISPOSITIVOS MÓVEIS DENÚNCIA E IDENTIFICAÇÃO DE ABUSO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES: REVISÃO DE ESCOPO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Sergipe –Campus Lagarto, como requisito final à obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Carla Kalline Alves Cartaxo Freitas
Coorientador: Mônica Viviany Silveira Trindade

LAGARTO
2025

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 6
2 OBJETIVOS 8
2.1 Objetivo geral 8
2.2 Objetivos específicos 8
3 JUSTIFICATIVA 9
4 REVISÃO DE LITERATURA 10
4.1 Consequências da violência sexual no público infantojuvenil 11
4.2 Papel do enfermeiro 10
4.3 Ferramentas de denúncia, identificação e prevenção da violência sexual infantojuvenil 13
5 MÉTODOS 16
5.1 Tipo de estudo 16
5.2 Estratégia de busca 16
5.3 Critérios de seleção 17
5.4 Instrumento utilizado para coleta das informações 17
5.5 Aspectos Éticos 17
6 RESULTADOS 18
7 DISCUSSÃO 32
8 CONCLUSÃO 35
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS 37
10 REFERÊNCIAS 38

RESUMO

Introdução: Os aplicativos móveis são ferramentas tecnológicas que podem auxiliar na prevenção e denúncia de casos de abuso sexual infantojuvenil. Desse modo, este estudo visa mapear aplicativos que auxiliem nesse processo. **Objetivo**: Analisar as produções disponíveis sobre o uso de aplicativos (apps) para smartphones visando identificação e denúncia de casos de abuso sexual infantojuvenil. **Método**: trata-se de um estudo qualitativo e quantitativo, do tipo revisão de escopo, utilizando da estratégia mnemônica problema, Conceito e Contexto (PCC). A pesquisa utilizou os operadores booleanos: "AND" e "OR". **Resultados**: Os artigos analisados foram publicados entre 2007 e 2025, os Estados Unidos concentraram 31,25% das publicações. Quanto ao acesso às tecnologias estudadas, 75% dos aplicativos são gratuitos, 18,75% estavam indisponíveis por ainda se encontrarem em fase de protótipo, e 6,25% não especificaram essa informação. **Conclusão:** Os aplicativos digitais são aliados na prevenção e denúncia de abusos sexuais infantojuvenis, mas enfrentam desafios na sociedade hodierna.

Palavras-chave: violência sexual, estupro, eventos de abuso sexual.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PCC – Problema, Conceito e Contexto
PRISMA – Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses
PRISMA-ScR – PRISMA Extension for Scoping Reviews
BVS – Biblioteca Virtual em Saúde
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DeCS – Descritores em Ciências da Saúde
MeSH – Medical Subject Headings
CINAHL – Cumulative Index to Nursing and Allied Health Literature
LILACS – Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
Embase – Excerpta Medica dataBASE
MDHC – Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania
MMFDH – Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos
UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância
CSEC – Commercial Sexual Exploitation of Children
CSA – Child Sexual Abuse (Abuso Sexual Infantil)
SAE – Sistematização da Assistência de Enfermagem
CIPESC – Classificação Internacional das Práticas de Enfermagem em Saúde Coletiva
CTSPC – Parent-Child Conflict Tactics Scales
ZSC – Zulliger no Sistema Compreensivo de Exner
CAP – Child Abuse Potential Inventory
TDAH – Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade
TEPT – Transtorno de Estresse Pós-Traumático
IA – Inteligência Artificial
NPT – Normalization Process Theory (Teoria do Processo de Normalização)

1 INTRODUÇÃO

Os aplicativos são entendidos como sistemas digitais compostos por um conjunto de funcionalidades e objetivos específicos, projetados com a finalidade de executar tarefas ou solucionar problemas determinados em diversos contextos (BANOS, 2015).

Na enfermagem, o emprego de aplicativos móveis na enfermagem constitui recurso estratégico que otimiza o processo de trabalho, qualifica a comunicação, fortalece a segurança do paciente e promove a educação continuada. Além disso, contribui para o aprimoramento técnico, reforçando habilidades profissionais e a autoconfiança (BONOW, 2023).

A atuação do enfermeiro no atendimento a crianças e adolescentes vítimas de violência sexual, é em suma, identificar os casos, acolher, informar e implementar medidas preventivas (JUSTINO, 2011).

Abuso sexual infantil é o envolvimento de uma criança em atividade sexual que ela, em função do seu desenvolvimento, não compreende completamente, é incapaz de consentir e que viola as leis ou tabus da sociedade. Frequentemente, essa dinâmica ocorre entre uma criança e outra ou com um adulto, que, em razão da idade, está em uma relação de responsabilidade, confiança ou poder (World Health Organization -WHO -, 1999, p. 7).

Ainda de acordo com o Art. 4° da lei n° 13.431, promulgada em 2017, pela constituição Federal do Brasil, o abuso sexual infantojuvenil abrange qualquer ação que utilize crianças ou adolescentes para fins sexuais — seja por conjunção carnal ou outro ato libidinoso — de forma presencial ou eletrônica, visando à estimulação sexual do agente ou de terceiros. Assim, a legislação deixa claro que a violência sexual contra esse público vai além do senso comum, incluindo também interações de natureza libidinosa mediadas por meios digitais (BRASIL, 2017).

Segundo o Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania (MDHC), nos quatro primeiros meses de 2023, ocorreu um aumento de 68% no número de casos de abuso sexual de crianças e adolescentes, em relação ao mesmo período em 2022. Decerto, tal circunstância, além de denotar um aumento do número de casos, expõe também um aumento do número de denúncias, o que pode estar relacionado à massificação de campanhas, como o maio laranja, que contribui para a propagação de informações e conscientização social acerca da problemática.

No entanto, ainda é necessário a formulação de medidas para a propagação de informações de identificação dos casos vigentes, haja vista a subnotificação dos casos (TEXEIRA, 2023).

Outrossim, o MDHC em 2023, também publicou dados que evidenciam os locais onde ocorrem os abusos sexuais, como a casa da vítima, do suspeito, locais onde os dados são mais alarmantes, com quase 14 mil casos, mas também exibe as violações que foram sucedidas no âmbito da Internet, chegando até 1,4 mil ocorrências.

Somado a isso, O boletim epidemiológico do Ministério da Saúde (2023) aponta que, entre 2015 e 2021, foram registrados 202.958 casos de violência sexual infantojuvenil no Brasil — 83.571 contra crianças e 119.377 contra adolescentes. Entre as crianças de 0 a 9 anos, 81% dos agressores são homens; entre adolescentes de 10

a 19 anos, esse número sobe para 86%. As vítimas são, em sua maioria, do sexo feminino: 76,9% entre crianças e 92,7% entre adolescentes. O boletim ainda destaca a possibilidade de subnotificação entre meninos, devido a estigmas sociais que invisibilizam esse tipo de violência (BRASIL, 2023).

Toda suspeita ou confirmação de violência contra criança e adolescente deve ser notificada compulsoriamente ao Conselho Tutelar (BRASIL). Desse modo, Para reduzir a subnotificação de casos de violência sexual infantojuvenil, é essencial desenvolver ferramentas acessíveis, como aplicativos móveis, que facilitem a denúncia e disseminem informações claras sobre características físicas e psicológicas das vítimas. Essas ferramentas promovem maior compreensão pública e contribuem para a prevenção e resolução da violência (SONA, 2021).

Portanto, o objetivo deste estudo é mapear e descrever os estudos disponíveis na literatura e lojas on-line sobre os aplicativos móveis que visem a identificação e denúncia de casos de abuso sexual infantojuvenil.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Analisar as produções disponíveis sobre o uso de aplicativos (apps) para smartphones visando identificação e denúncia de casos de abuso sexual infanto-juvenil.

2.2 Objetivos específicos

Catalogar os aplicativos disponíveis que visam ajudar na denúncia e identificação de abuso sexual de crianças e adolescentes;

Investigar a interoperabilidade dos aplicativos com outros sistemas de denúncia e suporte existentes;

Explorar desafios e barreiras para o uso de aplicativos de smartphone voltados à identificação e denúncia do abuso infantojuvenil.

3 JUSTIFICATIVA

A presente revisão foi realizada em virtude da limitada quantidade de estudos que tratam o tema do uso de aplicativos para auxílio na prevenção de abuso sexual infantojuvenil em consonância com necessidade de uma análise mais criteriosa a respeito da funcionalidade e carências apresentadas pelos aplicativos disponíveis na literatura, haja vista a importância do tema, bem como a necessidade de segurança de dados e promoção de um acesso responsável para os usuários.

A partir da disseminação desse estudo, espera-se identificar a existência de tecnologias, bem como subsidiar a criação de um aplicativo com base na análise do que já existe.

Sendo assim, por meio da problemática abordada espera-se que o enfermeiro trabalhe mais efetivamente com essa população, já que ele exerce uma importante função nos serviços primários de atenção à saúde, contribuindo para a promoção, proteção, recuperação e reabilitação da saúde da criança e adolescente.

4 REVISÃO DE LITERATURA

Primeiramente, é fundamental compreender as terminologias relacionadas à violência sexual infantojuvenil para otimizar a compreensão dos contextos envolvidos. O abuso sexual é qualquer ato de natureza sexual envolvendo crianças ou adolescentes, com fins sexuais do agressor ou de terceiros, seja presencial ou virtual. Esse abuso pode ser classificado em intrafamiliar e extrafamiliar, considerando o grau de parentesco entre agressor e vítima, ou em âmbito doméstico e urbano, para identificar o local do crime. A definição abrange desde a sedução inicial até a violação sexual (Guia Operacional Infantil MPSP, 2020, p. 21).

Ademais, no que tange a definição de abuso sexual infantil, o aspecto psicológico pode exercer grande relevância no entendimento do contexto do indivíduo lesado, já que esse atributo psíquico desempenha muito impacto com consequências longínquas, além de prejudicar a progressão da criança e do adolescente, uma vez que, esse é um período caracterizado pelo desenvolvimento cognitivo. Dessa forma, a vítima torna-se suscetível a manifestação uso ilícito de drogas, depressão, suicídio, cardiopatia isquêmica, doença pulmonar crônica e morte (Marques, 2021).

Somado a isso, é razoável notar que, o abuso sexual infantil vai além do ambiente físico, alcançando também o digital. O Guia Operacional Infantil MPS define o abuso sexual online, que pode ou não ocorrer fisicamente. A exploração sexual infantojuvenil, distinta do abuso, envolve uma troca monetária em troca da violência, ligada à vulnerabilidade socioeconômica da vítima. A exploração sexual comercial envolve a negociação por adultos para obter compensação, com a participação de crianças ou adolescentes, seja presencial ou online. A "prostituição infantil" é refutada, pois crianças e adolescentes não têm capacidade para consentir (Guia Operacional Infantil MPSP, 2020, p. 23).

Além disso, é fundamental destacar a terminologia associada ao tráfico de crianças, conforme disposto no art. 3º da Lei nº 5.017, de 12 de março de 2004, que define tráfico de pessoas como o recrutamento, transporte, transferência, alojamento ou acolhimento de pessoas mediante ameaça, uso da força, coação, rapto, fraude, engano, abuso de autoridade ou situação de vulnerabilidade. Inclui também a entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter consentimento de quem tenha autoridade sobre outra pessoa, com o objetivo de exploração. Tal exploração abrange

práticas como prostituição alheia ou outras formas de exploração sexual, trabalho ou serviços forçados, escravidão, práticas similares à escravidão, servidão ou remoção de órgãos (Brasil, 2004).

Ainda, segundo os arts. 240 e 241 da **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**, a pornografia infantil é definida como o ato de produzir, dirigir, fotografar, filmar ou registrar cenas de sexo explícito ou pornográficas envolvendo criança ou adolescente, bem como oferecer, trocar, disponibilizar, transmitir, distribuir, publicar ou divulgar, por qualquer meio, inclusive por sistema de informática ou telemático, fotografia, vídeo ou outro registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográficas envolvendo criança ou adolescente (Brasil, 1990).

4.1 Consequências da violência sexual no público infantojuvenil

O abuso sexual infantojuvenil pode impactar na vida da criança e do adolescente e, além disso, as consequências desse tipo de trauma pode perpassar os limites da violência e acompanhar o indivíduo, através dos aspectos psicossociais, da infância até a vida adulta (Silva, 2022).

A infância e a adolescência são fases da vida em que os questionamentos, a alegria e a inocência fazem parte. O desenvolvimento do indivíduo, ou como é denominada “matriz da identidade”, tem na infância um aspecto fisiológico, enquanto na adolescência, essa matriz, adquire um caráter mais psicológico e social do cidadão. Entretanto, para que esse desenvolvimento seja efetivo, o ambiente deve atuar como meio facilitador do processo do desenvolvimento. Em concordância com isso, Batista (2009) afirma que a violência sexual, na infância, impacta negativamente o desenvolvimento natural do indivíduo.

As consequências do abuso dependem de alguns aspectos como: idade da vítima e do agressor, o tipo de relação entre eles, personalidade da vítima, duração e frequência da agressão, do tipo e da gravidade do ato e da reação do ambiente (Ferrari, 2002).

Ademais, a sintomatologia pode ser diversa, desse modo, pode ser apresentada através do relato de dor, alterações genitais e/ou ânus, laceração na genitália e/ ou ânus, como também, infecções sexualmente transmissíveis (Conceição, 2021).

No entanto, em muitos casos que a vítima não recorre ao atendimento nas

primeiras horas, os sintomas físicos podem não ser apresentados, devido ao processo de cicatrização, o que limita a investigação. Porém, apesar de não existir síndrome que caracterize a violência sexual, pode-se considerar como sinais seguros: comportamento sexual e sintomas relacionados ao Transtorno de Estresse Pós-traumático (Silva, 2023).

Ainda, Gottardi (2016) aponta que jovens vítimas de abuso sexual podem apresentar sinais como a síndrome do segredo, dor, medo, vergonha e culpa. A negação, característica dessa síndrome, ocorre devido ao medo de punição, descrédito ou falta de proteção contra o abusador. Esse comportamento não é exclusivo da vítima, podendo ser adotado pela família, influenciado por fatores externos, como a ausência de evidências médicas, suborno ou ameaças, e psicológicos, como o medo. A culpa psicológica da vítima difere da culpa legal, que recai sobre o abusador, e a negação está ligada à autopreservação, não à mentira (Gottardi, 2016).

Além disso, a população infantojuvenil em situação de abuso sexual pode apresentar sintomas psicológicos como: depressivos, baixa autoestima, ansiedade, culpa, vergonha, ódio, regressão do aprendizado e da produtividade escolar, introspecção , medo, raiva, abuso de substâncias como álcool e outras drogas, transtornos alimentares, ideação suicida, transtornos dissociativos, transtornos de humor, transtorno de déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) e transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) (Firmo, 2020).

4.2 Papel do enfermeiro

O papel desempenhado pelo enfermeiro no que tange à atenção da criança e do adolescente vítima de abuso sexual, é compreendida como ampla e complexa, pois perpassa pela participação no diagnóstico, tratamento dos agravos decorrentes do abuso, orientações e notificação do caso (Silva, 2011).

O enfermeiro desempenha um papel crucial na identificação do abuso, tanto físico quanto psicológico, e nas questões de vulnerabilidade e violência, para garantir a intervenção adequada. A equipe de enfermagem deve utilizar protocolos, a sistematização da assistência de enfermagem (SAE) e a Classificação Internacional das Práticas de Enfermagem em Saúde Coletiva (CIPESC) para oferecer cuidados eficazes e contínuos. Além disso, é responsabilidade da equipe acolher e orientar os familiares. O cuidado de crianças vítimas de abuso exige especialização técnica e científica por parte dos profissionais de enfermagem (Rosa, Merlo, Oliveira, 2021).

O enfermeiro precisa dispor de preparo técnico e clínico para identificar, com expertise, os tipos de violências e poder traçar um plano estratégico para a prevenção, promoção e reabilitação da saúde das vítimas, além de promover o combate ao abuso sexual infanto juvenil, utilizando suas habilidades específicas. Por consequência, o profissional da enfermagem, acaba exercendo um papel, social, ético e humanístico (Pires, Filho, 2017).

4.3 Ferramentas de denúncia, identificação e prevenção da violência sexual infantojuvenil

Dentre as formas de combate ao abuso sexual infantojuvenil a prevenção exerce um papel crucial acerca dessa temática (UNICEF, 2014).Entre as medidas profiláticas, destacam-se a disseminação de informações, o fortalecimento da denúncia e a prevenção voltada a grupos vulneráveis. Ressalta-se a necessidade de exames além dos questionários e do aprimoramento diagnóstico. A reabilitação da vítima deve envolver abordagem lúdica e equipe multidisciplinar (Pelisoli & Piccooto, 2010).

Muitas são as tecnologias adotadas por profissionais de saúde que contribuem na identificação e profilaxia da violência sexual que acomete a população jovem. É imprescindível reconhecer que tais mecanismos não visam exclusivamente identificar o abuso sexual infantil, mas, ao excluir outras hipóteses clínicas, contribuem para a elucidação diagnóstica. A triagem, nesse contexto, aproxima a equipe da realidade do paciente. (Palusc, Vincent J. & Palusci, John V, 2006).

O autor Meyer (2017), em análise do livro: " O que é privacidade", um dos meios de prevenção do abuso sexual infantil é baseado na educação sexual, assim, o ensino do conteúdo adequa à idade da criança e do adolescente ao tópico a ser abordado, a fim de diminuir a vulnerabilidade do público infantojuvenil.

Outra forma de identificar os casos de abuso sexual infantil é com a utilização de instrumentos, como questionários e escalas que ajudam na identificação dos sinais. Desse modo, um instrumento bastante conhecido é o instrumento norte-americano Child Abuse Potential Inventory (CAP), Inventário de Potencial de Abuso Infantil (ENAP, 2022). Na versão mais atual, o Inventário CAP (Milner, 1986) dispõe de 160 itens que estão subdivididos em 7 escalas. A subescala de Abuso é composta por 77 dos 160 itens, e, essa, por sua vez, é dividida em 6 subescalas: (1) Sofrimento; (2) Rigidez; (3) Infelicidade; (4) problema com a criança e consigo mesmo; (5) Problema com a família; e (6) Problemas com os outros (Rios, 2013).

O uso da escala Structured Decision Making, é um método para avaliar relatórios e denúncias e está associado aos casos de negligência e abuso infantil, o

público-alvo são crianças e adolescentes de 0 a 19 anos, tal instrumento é baseado em 7 avaliações que visa a tomada de decisão mais assertiva, baseado na identificação de forma minuciosa da situação vigente do caso. Já a escala Eligibility Spectrum é utilizada para avaliar o bem-estar infantil com base em relatórios, a escala possui 4 níveis de gravidade, dentro de alguns níveis existem descritores que especificam o tipo de violência sofrida pela criança (Enap, 2022).

Outra forma de teste conhecida é a autoexpressão, que visa amplificar os horizontes das estruturas de identificação de casos de estado mental do indivíduo, como a do autorrelato, pois ao invés de utilizar estruturas programadas dos testes, avalia a interpretação do avaliado, um desses testes é o teste de Rorschach, que pode avaliar a interpretação que a vítima possa ter, mediante a exibição de imagens não convencionais. No entanto, o teste não é definidor na identificação do abuso sexual, assim, sendo necessário a associação com os dados e amostras forenses (Scortegagna, 2012).

A escala Valórame tem como finalidade minimizar os erros no tocante a deliberação, assim, a escala se baseia em 3 aspectos da criança para análise e descrição da vulnerabilidade: realidade atual, bem-estar, e danos sofridos, tal instrumento, consiste na disposição de níveis de gravidade para desproteção e risco de desproteção. Outra ferramenta manuseada para identificação do abuso sexual infantil é a Parent-Child Conflict Tactics Scales (CTSPC), que tem como intuito de aferir o nível de violência familiar, esse utensílio, é composto por 3 escalas e 22 itens, distribuídos em: disciplina não-violenta (4 itens), agressão psicológica (5 itens) e violência física (13 itens) (Enap, 2022).

Ainda, o teste de Zulliger no Sistema Compreensivo de Exner (ZSC) é caracterizado como teste de autoexpressão, uma vez que, se baseia no teste elaborado por Rorschach. No entanto, o ZSC é utilizado em um contingente populacional maior, já que seu intuito é promover, de forma rápida, o resultado da personalidade do indivíduo avaliado. Assim, o teste é composto por 3 cartões: um sem coloração, uma policromática e outro em vermelho e preto (Gelain, 2019).

Com o advento da internet e da tecnologia digital formas e meios de profilaxia foram desenvolvidas, a fim de minimizar o impasse do abuso sexual infantil. Dessa forma, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) em consonância com Nações Unidas para a Infância (Unicef), Fundação Abrinq, Childhood

Brasil e Editora Caqui originaram o aplicativo intitulado "Sabe: Aprender, conhecer e proteger", que visa a denúncia de diversos tipos de violências vivenciadas por crianças e adolescentes, tal aplicativo objetiva promover a autonomia da população infantojuvenil, uma vez que, possibilita a denúncia feita por esse público (Gazetadopovo, 2021).

Somado a isso, o aplicativo denominado " Proteja Brasil", divulgado em 2013, foi elaborado a partir de uma parceria entre o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e do Ministério dos Direitos Humanos com a finalidade de promover denúncias de diversos tipos de violência e que pode atingir diversos grupos minoritários com pessoas idosas, pessoas com deficiência, população em situação de rua, igualdade racial, público privado de liberdade, população LGBTQ, crianças, adolescentes e outras violações (Unicef Brasil, 2017).

O uso da inteligência artificial (IA) tem demonstrado impacto positivo no combate do abuso sexual infantil, na propagação de pornografia infantil, bem como no rastreio dos agressores, vítimas e de outros materiais ilegais. Em, 2018, o Google informou a introdução de uma rede neural profunda para ajudar na identificação de materiais com conteúdo sexuais envolvendo crianças e adolescentes, desse modo, nos testes que foram utilizados inteligência artificial, foi identificado a melhoria da detecção e a taxa dos relatos em 700%.

Outro exemplar do impacto da tecnologia no combate ao abuso sexual infantil foi a Marinus Analytics, nos EUA, que desenvolveu um software de IA que ajuda a identificar vítimas de tráfico, pesquisando propagandas online com conteúdo sexuais, além de ajudar na coleta de informações que serão destinadas a polícia (Broadbend Commission, 2019).

5 MÉTODOS

5.1 Tipo de estudo

O presente estudo consiste em uma revisão de escopo composta das seguintes etapas: elaboração da questão de pesquisa (identificação do problema), busca na literatura dos estudos primários, avaliação dos estudos primários, mapeamento dos dados e apresentação da revisão. As revisões de escopo não se propõem a avaliar a qualidade das evidências disponíveis, mas objetivam mapear os principais conceitos que sustentam uma área de pesquisa, envolvendo um procedimento sistemático (Arksey,
O'Malley, 2005).

Para a elaboração da questão norteadora, foi aplicada a estratégia mnemônica Problema, Conceito e Contexto (PCC) PCC, sendo P de população (crianças e adolescentes), C de Conceito (aplicativos) e C de contexto (situação de abuso sexual). Assim, obtivemos a questão norteadora: "Quais os aplicativos para denúncia e identificação de abuso sexual infantojuvenil evidenciados na literatura?".

Toda revisão seguiu o checklist do PRISMA extension for scoping reviews (PRISMA-ScR) e foi reportada seguindo o Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA).

5.2 Estratégia de busca

Foram efetuadas buscas dos registros indexados nas bases de dados: PubMed,Cumulative Index to Nursing and Allied Health Literature (CINAHL), Web of Science, Scopus, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Excerpta Medica dataBASE (Embase), Cochrane Library, Google acadêmico, Scielo, bem como na biblioteca virtual em Saúde (BVS), como também na literatura cinzenta (dissertações e teses), por meio do Portal de Teses e dissertações da América Latina e do Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Foram consultados os descritores controlados e não controlados em Ciências da Saúde (DeCS), Medical Subject Headings (MeSH) e CINAHL Headings.

As palavras-chaves e os descritores foram: sexual violence, rape, sexual abuse events, non-consensual sex, forced sexual intercourse, child abuse, children, adolescents, schools, youth, childs, aplicativos móveis, app móveis, mobile applications. Para cada base de dados as buscas foram realizadas de acordo com as suas características, os descritores controlados foram combinados através dos operadores booleanos *OR* e *AND* na língua inglesa.

A busca inicial foi realizada, de forma concomitante em todas as bases de dados, e incluiu todos os registros encontrados nessas bases, sem restrição de idioma, publicados nos últimos dez anos nos critérios de inclusão. Após realizar a busca nas bases de dados, os registros foram armazenados na ferramenta Rayyan classificado em pastas distintas e os duplicados foram excluídos.

5.3 Critérios de seleção

Todos os títulos dos artigos encontrados nas bases de dados foram exportados para Rayyan software - http://rayyan.qcri.org. Todos os títulos e resumos foram lidos de modo independente por dois revisores. Quando em situação de divergência, buscou-se um consenso de um terceiro revisor. E ao atingir a concordância entre os revisores, os estudos foram incluídos para leitura na íntegra.

Para seleção dos artigos foram considerados os seguintes critérios de inclusão: artigos científicos originais e revisões, descritivos ou analíticos, quantitativos ou qualitativos, teses e dissertações disponíveis na íntegra em meio eletrônico, que tratem a temática e sem limitação temporal ou de idioma. Já os critérios de exclusão foram: produções científicas em formato de editorial, carta ao editor, artigos de opinião e anúncios publicitários e documentos duplicados foram computados uma única vez.

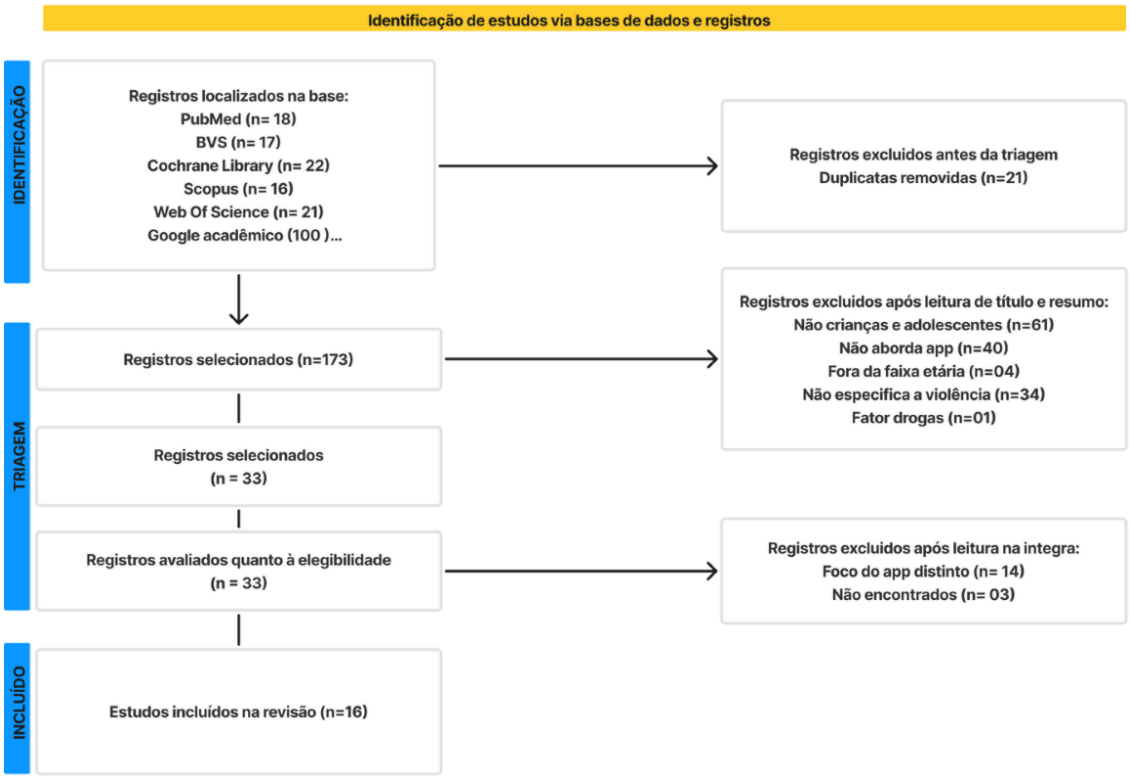
5.4 Instrumento utilizado para coleta das informações

Para a fase de seleção dos estudos para leitura na íntegra, foi utilizado um instrumento contendo as variáveis referentes ao autor, ano, delineamento metodológico, principais resultados, tema do aplicativo e área de usabilidade e descrição do conteúdo do App.

5.5 Aspectos Éticos

Não houve a necessidade de apreciação ética, pois o estudo analisou dados secundários e já disponíveis publicamente. Destaca-se que foram respeitados os direitos autorais das pesquisas citadas.

6 RESULTADOS



Inicialmente, é importante observar que, dos 30 estudos analisados, apenas 16 foram incluídos na revisão final, pois os 14 artigos excluídos apresentavam abordagens que se distanciaram do foco central deste estudo. Dessa forma, tais análises revisadas apresentam um cenário diversificado de aplicações tecnológicas voltadas à prevenção e mitigação de abusos sexuais infantis, com diferentes níveis de eficácia e alcance.

O levantamento inclui aplicativos gratuitos e pagos, desenvolvidos em diversas regiões do mundo, com foco principal em educar e proteger crianças, adolescentes e seus responsáveis. Esses aplicativos foram projetados para diversas plataformas, como Android, iOS e web. Todos os aspectos principais dos artigos selecionados estão

descritos nas Tabelas 1 e 2.

A priori, dos artigos analisados, foi identificado que o período de publicação dos artigos estudados foi entre 2007 e 2025, os Estados Unidos, obtiveram a maior projeção das publicações com 31,25%. Já a Turquia aparece em seguida, com 18,75%, enquanto o Canadá, Coreia do Sul, China, Finlândia, Bangladesh, Tanzânia, Malásia e Vietnã contribuíram com 6,25% cada.

Ainda, no que tange ao acesso às tecnologias estudadas, 75% dos aplicativos apresentaram gratuidade, 18,75% estavam indisponíveis por ainda se encontrarem em fase de protótipo, e 6,25% não especificaram essa informação.

Embora a maioria dos aplicativos revisados tenha sido desenvolvida em países como Estados Unidos e Coreia do Sul, é importante considerar adaptações ao contexto brasileiro, onde barreiras como o acesso limitado à tecnologia ainda representam um desafio para a implementação.

Alguns aplicativos, como o “SAP_MobAPP” e o “i-Minds”, possuem funcionalidades específicas de educação e prevenção, enquanto outros, como o “SART START”, são voltados às autoridades para identificar casos de exploração sexual comercial infantil (CSEC).

Ademais, os aplicativos “Children’s Storytelling App for Detecting Potential Child Sexual Abuse” e “Protect Me” são apresentados como protótipos e, por essa razão, permaneceram indisponíveis nas plataformas digitais. No entanto, apesar de estar em fase inicial, a ferramenta “Protect Me”, apresentou potencial na conscientização infantil por meio de jogos interativos.

Aplicativos como o “i-Minds”, “myPlan Teen” e o “Red Flag” demonstraram preocupação no tocante a adesão ao uso dos aplicativos ao respectivo público-alvo.

Dessa forma, os aplicativos educativos, como o “Children’s Storytelling App” e o “Protect Me”, utilizam elementos de interatividade, como animações e quizzes, para ensinar o público infantil a reconhecer situações de risco, enquanto o “ShishuShurokkha”, ao adotar uma abordagem baseada em justiça transformativa, promoveu o engajamento comunitário e relatórios anônimos como mecanismos de proteção e suporte às vítimas. Tais recursos ajudam na conscientização e na formação

de comportamentos profiláticos.

Aplicativos como o “Red Flag” introduzem gamificação para engajar o público infantojuvenil, ampliando sua aceitação e adesão, assim, os resultados são promissores em termos de engajamento dos usuários e a adequação das dinâmicas de publicidade ao segmento de público.

No tocante à segurança dos aplicativos, destaca-se que ferramentas como o “i-Minds” e o “SAP_MobAPP” garantem a proteção dos dados dos usuários por meio de servidores seguros e anonimato, configurando-se como intervenções impreteríveis na mitigação de vulnerabilidades tecnológicas. Portanto, essas plataformas promovem a privacidade e oferecem suporte emocional, ajudando os usuários a desenvolver resiliência. Entretanto, a ausência de diretrizes robustas de privacidade, como observado no *Family Needs* Checklist”, tangencia uma fragilidade que requer atenção mais minuciosa, principalmente no que concerne à coleta de dados sensíveis. Aplicativos como o “myPlan Teen” e o “i-Minds” apresentaram impacto significativo na segurança pessoal e no bem-estar dos usuários.

Ainda, foi identificado que a maioria dos aplicativos efetivos possui características como: personalização das interações, recursos de segurança digital, e envolvimento de pais e cuidadores no processo educativo. Entretanto, algumas limitações ainda permanecem, como a falta de avaliações minuciosas e a necessidade de maior atenção às questões de privacidade e proteção de dados.

TABELA 1: Apresentação da síntese dos artigos incluídos na Revisão de Escopo: Identificação do artigo, autores, ano de publicação, periódico, país de publcação, título, objetivo, método. Lagarto/SE, 2025.

Número do artigo, Autores, Ano, Periódico e País de publicação	**Título**	**Objetivo**	**Método**
1. Melissa Cowart-Osborne, Matthew Jackson, Elizabeth Chege, Evander Baker, Daniel Whitaker, Shannon Self-Brown. 2014; Social Sciences;Estados Unidos.	Technology-Based Innovations in Child Maltreatment Prevention Programs: Examples from SafeCare®	Explorar o uso de inovações tecnológicas para melhorar o programa SafeCare®, um programa de visitas domiciliares que visa prevenir maus-tratos infantis, destacando a implementação de ferramentas digitais para melhorar o engajamento dos pais e a retenção dos participantes.	O estudo descreve uma abordagem híbrida de intervenção baseada em tecnologia, com ensaios clínicos randomizados e estudos de caso.
2. Amita R. Pharshy. 2016; Canadá (pesquisa realizada também na Índia).	Children's Storytelling App For Detecting Potential Child Sexual Abuse	O estudo teve como objetivo projetar um protótipo de aplicativo de contação de histórias para permitir que crianças se expressem criativamente sobre eventos diários e sentimentos associados. O foco era ajudar pais e cuidadores a identificar, de maneira precoce, potenciais casos de abuso sexual infantil (CSA) a partir das histórias contadas pelas crianças	A metodologia aplicada foi de design participativo, envolvendo pais, cuidadores e outros adultos preocupados com o CSA. Foram realizadas pesquisas por meio de questionários online e grupos focais. O estudo também incluiu uma revisão da literatura e um levantamento ambiental para informar o design do protótipo.
3. Kyoung Ja Moon, Kyung Min Park, Yunsick Sung.2017; Journal of Child Sexual Abuse.; Coreia do Sul.	Sexual Abuse Prevention Mobile Application (SAP_MobAPP) for	Desenvolver e avaliar a eficácia de um aplicativo móvel de prevenção de abuso sexual para crianças do ensino fundamental, chamado SAP_MobAPP, projetado para	Estudo experimental com grupo de controle não equivalente. Os participantes foram divididos em três grupos: grupo experimental que utilizou o aplicativo SAP_MobAPP, grupo controle que recebeu educação baseada na Web e grupo

	Primary School Children in Korea.	ensinar habilidades de reconhecimento e evasão em situações de abuso sexual infantil.	controle que recebeu educação baseada em livros didáticos.
4. Katrina J. Debnam, PhD, MPH, e Trina Kumodzi, BSN, RN, CCRN.2019; Journal of Interpersonal Violence.; Estados Unidos.	Adolescent Perceptions of an Interactive Mobile Application to Respond to Teen Dating Violence.	Investigar as percepções dos adolescentes sobre a viabilidade de um aplicativo móvel interativo para planejamento de segurança em situações de violência no namoro e coletar sugestões sobre como os aplicativos podem melhor atender a adolescentes que enfrentam esse tipo de violência.	Pesquisa qualitativa descritiva com grupos focais envolvendo adolescentes de 14 a 18 anos.
5. Sheree Goldman, DNP, MSN, AWHNP, SANE-A, SANE-P; Deepika Goyal, PhD, MS, FNP-C. 2019; Journal of Forensic Nursing; Estados Unidos.	Knowledge Regarding Child Victims of Commercial Sexual Exploitation and the Feasibility of Using a Smartphone Application: A Pilot Study	Este estudo piloto examinou o nível de conhecimento dos policiais sobre a exploração sexual comercial de crianças (CSEC) e a viabilidade do uso de um aplicativo para smartphone para identificar vítimas.	Estudo quantitativo com design de pré-teste e pós-teste. Uma amostra de conveniência de 103 policiais foi dividida em grupo controle (n=38) e grupo de intervenção (n=65), com questionários antes e depois da utilização do aplicativo
6. Yushinan Shan.2019; Rochester Institute of Technology (Tese).; China	Protect Me: An Interactive Mobile Educational Tool for Children to Help and Prevent Sexual Abuse.	Desenvolver uma ferramenta educacional interativa para crianças entre 3 e 10 anos, com o objetivo de ensinar prevenção de abuso sexual e aumentar a conscientização sobre proteção corporal.	Pesquisa qualitativa com entrevistas de pais, análise competitiva e desenvolvimento de protótipo interativo.
7. Heidi Rantanen, Irja Nieminen, Marja Kaunonen, Emmanuelle Jouet, Lidia Zabłocka-Żytka, Giovanni Viganò, Cristina Crocamo,	Family Needs Checklist: Development of a Mobile Application for Parents with Children	Descrever o processo de desenvolvimento de um instrumento baseado em evidências para avaliação de risco de maus-tratos infantis (Family Needs Checklist, FNC) com utilização online para	Revisão sistemática da literatura, análise de conteúdo e criação de checklist por grupo multidisciplinar.

Henrike Schecke, Giedre Zlatkute, Eija Paavilainen.2022; International Journal of Environmental Research and Public Health.; Finlândia.	to Assess the Risk for Child Maltreatment.	prevenção primária.	
8. Sharifa Sultana, Sadia Tasnuva Pritha, Rahnuma Tasnim, Anik Das, Shaid Hasan, Md. 2022; CHI Conference on Human Factors in Computing Systems.; Bangladesh.	Rashidujjaman Rifat, Syed Ishtiaque Ahmed. ShishuShurokkha': A Transformative Justice Approach for Combating Child Sexual Abuse in Bangladesh.	Investigar a natureza do abuso sexual infantil em Bangladesh, explorando soluções tecnológicas baseadas em justiça transformativa para combater o problema.	Estudo de métodos mistos envolvendo pesquisa online, entrevistas semiestruturadas e grupos focais.
9. Nancy Glass. 2023; American Academy of Pediatrics; Estados Unidos.	Effectiveness of the myPlan Teen App: A Digital Healthy Relationship and Safety Planning Intervention with Adolescents Ages 15-17 Years.	Avaliar a eficácia do aplicativo myPlan Teen como intervenção digital para planejamento de segurança e relacionamentos saudáveis entre adolescentes de 15 a 17 anos.	Estudo randomizado com um grupo de intervenção (uso do aplicativo) e um grupo de controle (site de segurança para adolescentes). Foram realizadas coletas em diferentes intervalos temporais (linha de base, 3, 6 e 12 meses).
10. Katie M. Edwards, Rochelle L. Dalla, Victoria A. Mauer, Kaitlin Roselius, Emily E. Camp, Jania Marshall, Michele Ybarra. 2023; Journal of Community Psychology; Estados Unidos.	Formative research to develop an app to prevent dating and sexual violence and alcohol use among high school youth.	Uma pesquisa formativa para informar o desenvolvimento de um aplicativo que envolva jovens e adultos na prevenção de violência sexual e de namoro, bem como no uso de álcool entre estudantes do ensino médio.	Estudo qualitativo baseado em grupos focais online com estudantes do ensino médio, pais/responsáveis e profissionais que trabalham com jovens.
11. Ethel Quayle, Matthias Schwannauer, Filippo	Implementation of a Digital Health	Explorar as barreiras e facilitadores para a futura integração do aplicativo	Estudo qualitativo com entrevistas semiestruturadas utilizando o framework da Teoria do Processo de Normalização (NPT) e

Varese, Kate Allsopp, Kim Cartwright, Cindy Chan, Prathiba Chitsabesan, Victoria Green, William Hewins, Amanda Larkin, Alice Newton, Erica Niebauer, Gillian Radford, Cathy Richards, Marina Sandys, Sara Shafi, Jennifer Ward, Pauline Whelan, Sandra Bucci. 2024; Child Abuse & Neglect; Reino Unido.	Intervention for Young People Exposed to Technology Assisted Sexual Abuse.	i-Minds na prática clínica, considerando a experiência de profissionais de saúde mental com jovens expostos ao abuso sexual mediado por tecnologia.	análise de dados baseada no método de Análise de Framework.
12. Jonathan Klapwijk, G. J. Melendez-Torres, Abigail Ornellas, Mwita Wambura, Angelique N. Chetty, Lauren Baerecke, Joyce Wamoyi, Lucie D. Cluver. 2024; Trials.; Tanzânia.	A Hybrid Digital Parenting Programme to Prevent Abuse of Adolescents in Tanzania: Statistical Analysis Plan for a Pragmatic Cluster Randomised Controlled Trial.	Avaliar a eficácia do ParentApp, um programa digital de apoio parental, na redução de maus-tratos e violência sexual contra adolescentes em comunidades urbanas e periurbanas da Tanzânia.	Estudo pragmático, controlado e randomizado por clusters. O estudo foi realizado em duas fases, com avaliações em três períodos: baseline, 1 mês pós-intervenção e 12 meses pós-intervenção.
13. Sadia Tasnuva Pritha, Rahnuma Tasnim, Muhammad Ashad Kabir, Sumaiya Amin, Anik Das.2024; International Journal of Mobile Learning and Organisation.; Bangladesh, Austrália, Canadá.	A Systematic Review of Mobile Apps for Child Sexual Abuse Education: Limitations and Design Guidelines.	Realizar uma revisão sistemática de aplicativos móveis educacionais voltados para a prevenção de abuso sexual infantil, identificar suas limitações e propor diretrizes de design para o desenvolvimento de aplicativos mais eficazes.	Revisão sistemática de aplicativos educacionais, utilizando uma escala de avaliação modificada baseada em critérios qualitativos e quantitativos, seguida de análise de comentários de usuários.
14. Neslihan Altunpul, Nilüfer Koçtürk. 2024;	Technology-Based	Revisar a literatura sobre programas tecnologicamente	Revisão sistemática conduzida com base nos princípios do PRISMA. Incluiu 22 estudos.

Psikiyatride Güncel Yaklaşımlar - Current Approaches in Psychiatry; Turquia.	Child Abuse and Neglect Prevention Programs: A Systematic Review.	assistidos para prevenir abuso e negligência infantil, explorando as características desses programas e avaliando sua eficácia.	
15. Katherine M. Anderson, Alicia Macler, Irina Bergenfeld, Quach Thu Trang, Kathryn M. Yount. 2024; Archives of Sexual Behavior; Estados Unidos.	The Media and Sexual Violence Among Adolescents: Findings from a Qualitative Study of Educators Across Vietnam.	O estudo teve como objetivo entender as influências contextuais sobre a violência sexual e as necessidades de ampliação de programas de prevenção de violência sexual no contexto de mídia e violência no Vietnã.	Pesquisa qualitativa, incluindo entrevistas semiestruturadas com 45 professores do ensino médio, professores universitários e afiliados de organizações da sociedade civil, além de grupos focais específicos por setor.
16. Ally Dian Hendrick, Amelia Jati Robert Jupit, A. Imran Nordin. 2025; Journal of Advanced Research in Applied Sciences and Engineering Technology; Malásia.	Empowering Youth through Play: Promoting Awareness of Sexual Grooming among Schoolchildren through Game-based Learning.	Desenvolver um jogo educacional chamado "Red Flag" para aumentar a conscientização sobre grooming sexual entre crianças.	Metodologia baseada em resultados (outcome-based), envolvendo pesquisa com pais e professores, design de jogo, implementação, e testes pré e pós-jogo.

TABELA 2: Apresentação da síntese dos artigos incluídos na Revisão de Escopo: nome do aplicativo, disponibilidade do aplicativo, tipos de violência, principais achados do estudo, conclusão. Lagarto/SE, 2025.

Número do artigo/ Nome do aplicativo	Disponibilidade do aplicativo (pago, grátis, apple)	Tipos de violência/abuso descritos no aplicativo	Segurança do aplicativo	Principais achados do estudo	Conclusão
1.SafeCare®	Distribuído como parte do programa SafeCare®, implementado em visitas domiciliares com o uso de tablets fornecidos pelos provedores.	Negligência infantil, abuso físico e risco de lesões não intencionais.	A tecnologia é utilizada principalmente como suporte durante visitas domiciliares, minimizando riscos online, e inclui mecanismos de feedback entre visitantes e pais, garantindo a privacidade e segurança das informações.	A introdução de componentes tecnológicos no programa SafeCare® aumentou o engajamento dos pais, melhorou a retenção dos participantes e facilitou a prática de habilidades parentais positivas. O uso de tablets e vídeos demonstrou ser eficaz para reforçar o aprendizado e promover mudanças comportamentais.	A utilização de inovações tecnológicas em programas de prevenção de maus-tratos infantis pode melhorar significativamente a eficácia das intervenções, aumentando o alcance, o engajamento e a retenção das famílias participantes. As tecnologias digitais oferecem uma abordagem promissora para a implementação de programas de treinamento parental em larga escala.
2.Children's Storytelling App For Detecting Potential Child Sexual Abuse (prototipo ainda em desenvolvimento).	O aplicativo será disponibilizado tanto de forma online quanto offline. O protótipo foi desenvolvido utilizando Axure e poderá ser acessado através de um site dedicado. Comportamentos ameaçadores.	Comportamentos ameaçadores.	O aplicativo é projetado com segurança em mente, com recursos para que pais e cuidadores monitorem as histórias de seus filhos, podendo identificar qualquer possível situação de abuso. A plataforma será acessível, mas com medidas de privacidade e proteção de dados, com base nas diretrizes WCAG de acessibilidade.	1. A contação de histórias foi identificada como uma abordagem eficaz para permitir que crianças expressassem seus sentimentos e experiências.2.75% dos participantes sugeriram a contação de histórias como a melhor forma de ensinar sobre abuso sexual infantil (CSA).3.A pesquisa revelou uma forte preocupação tanto no Canadá quanto na Índia com relação ao CSA e a necessidade de educar as crianças sobre o assunto.4. O design do aplicativo foi	O estudo conclui que a criação de um aplicativo de contação de histórias pode ser uma ferramenta eficaz para permitir que crianças expressem seus sentimentos e eventos do cotidiano, enquanto pais e cuidadores monitoram potenciais sinais de abuso. A pesquisa demonstra a viabilidade de uma plataforma digital inclusiva que pode ser utilizada tanto em contextos culturais canadenses quanto indianos para aumentar a conscientização e a detecção precoce do abuso sexual infantil.

				influenciado por feedback cultural de participantes canadenses e indianos.	
3.SAP_MobAPP	Disponível gratuitamente. Compatível com dispositivos Android e Apple. Disponível na Google Play Store.	Abuso sexual infantil. Situações de risco envolvendo estranhos e conhecidos.Comportamentos inapropriados de adultos ou pares.	O aplicativo foi desenvolvido considerando a segurança digital e inclui recursos como quiz de verdadeiro/falso, animações educativas e narração para facilitar o aprendizado. As informações são armazenadas em um servidor seguro.	O grupo experimental que utilizou o SAP_MobAPP apresentou um aumento significativo no reconhecimento de situações de abuso sexual e nas habilidades para evitar situações de risco em comparação com os grupos de controle. Os efeitos positivos foram mantidos quatro semanas após a intervenção. O aplicativo é eficaz para reforçar a educação preventiva tanto em ambientes escolares quanto em casa.	O SAP_MobAPP é uma ferramenta eficaz para a educação preventiva sobre abuso sexual infantil. Ele pode ser utilizado em escolas e em casa para ajudar crianças a reconhecer e evitar situações de risco. O estudo recomenda pesquisas futuras com uma amostra maior para validar ainda mais os resultados e a personalização de programas de educação para crianças mais velhas.
4.myPlan	Gratuito, disponível para dispositivos Android e Apple.	Violência física e sexual no namoro, abuso pscológico e emocional, sinais de relacionamento abusivo.	O aplicativo oferece um plano de segurança personalizado e links para recursos locais e nacionais nos Estados Unidos. Os participantes consideraram importante a inclusão de funcionalidades para acessos rápidos e ajuda imediata.	Adolescentes reconheceram a importância de intervenções que sejam inclusivas e respeitem a diversidade de gênero e orientação sexual.Participantes valorizaram o uso do aplicativo como uma ferramenta de apoio em situações de emergência, especialmente para ajudar amigos em relacionamentos abusivos.Os adolescentes sugeriram melhorias, como o uso de uma linguagem mais apropriada e a inclusão de alertas para sinais	O estudo destacou a necessidade de aplicativos que promovam o planejamento de segurança entre adolescentes, especialmente aqueles que enfrentam violência no namoro. Aplicativos como o myPlan podem ser ferramentas valiosas para ajudar adolescentes a identificar relacionamentos abusivos e buscar apoio.

				menos óbvios de abuso emocional.	
5.SART START	Disponível gratuitamente para dispositivos móveis.	Exploração sexual comercial de crianças (CSEC), tráfico sexual e abuso sexual infantil.	O aplicativo foi desenvolvido para ser usado por policiais em campo, facilitando a identificação de possíveis vítimas de exploração sexual infantil. Inclui algoritmos baseados em ferramentas de identificação existentes, como o Commercial Sexual Exploitation Identification Tool.	Houve um aumento significativo no conhecimento sobre CSEC entre os participantes que utilizaram o aplicativo em comparação ao grupo controle. Mais de 85% dos participantes preferiram o uso de um aplicativo em vez de materiais impressos para obter informações sobre CSEC. O aplicativo foi considerado fácil de usar por 59% dos participantes e útil por 63,9% deles.	O estudo sugere que o aplicativo SART START pode ser uma ferramenta viável para a identificação de vítimas de exploração sexual comercial infantil, permitindo uma intervenção mais rápida e adequada por parte das autoridades. O uso do aplicativo por profissionais de saúde e outros agentes sociais também pode contribuir para um melhor atendimento e proteção das vítimas.
6.Protect Me	Protótipo desenvolvido; ainda não disponível publicamente.	Abuso sexual infantil, incluindo contatos físicos inapropriados e situações de risco.	Utiliza animações, narração em áudio e jogos interativos para ensinar medidas de proteção.	O aplicativo educa as crianças sobre seus corpos e como reagir a situações de risco, além de incentivar o envolvimento dos pais no processo educacional.	A ferramenta interativa é eficaz para crianças pequenas, proporcionando aprendizado lúdico sobre segurança e prevenção de abuso sexual.
7.Family Needs Checklist (FNC).	Gratuito, disponível na Google Play Store em idiomas como finlandês, inglês, italiano e alemão.	Maus-tratos físicos, emocionais, sexuais, negligência e exposição à violência doméstica.	Inclui políticas de privacidade e instruções para uso seguro, com informações baseadas em evidências.	O Family Needs Checklist promove o conhecimento dos pais sobre riscos de maus-tratos infantis, encorajando reflexões sobre a situação familiar e facilitando o acesso a serviços de apoio.	O Family Needs Checklist é um instrumento baseado em evidências robustas, útil para prevenção primária de maus-tratos infantis em diferentes contextos culturais, destacando-se como um recurso autônomo de autorreflexão para pais e cuidadores.
8.ShishuShurokkha.	Disponível gratuitamente como protótipo Android; ainda em desenvolvimento para distribuição pública.	Abuso sexual infantil, incluindo toques inapropriados, exposição indecente e estupro.	Inclui funcionalidades de relatórios anônimos e mapeamento de casos para proteger a privacidade dos usuários.	O aplicativo ShishuShurokkha promove conscientização comunitária, relatórios anônimos e acesso a suporte legal e psicológico	O ShishuShurokkha oferece uma abordagem inovadora baseada em justiça transformativa, deslocando a responsabilidade do lado da vítima para a comunidade como um todo.
9.myPlan Teen.	Gratuito	Violência física, abuso emocional, abuso relacional,	utiliza recurso de proteção (PIN)	O grupo de intervenção mostrou maior aumento no uso e eficácia de	O myPlan Teen demonstrou potencial promissor para impactar positivamente a segurança e o bem-estar de

		comporamentos ameaçadores, violência sexual, Coerção reprodutiva.		comportamentos de segurança em comparação ao grupo de controle.Houve uma redução significativa na violência psicológica perpetrada e em comportamentos suicidas entre os usuários do aplicativo.A experiência de abuso/violência diminuiu significativamente ao longo do tempo em ambos os grupos, com declínios mais acentuados no grupo de intervenção para alguns tipos de abuso.	adolescentes, promovendo comportamentos seguros, reduzindo a violência perpetrada e o risco de suicídio. Contudo, desafios permanecem em relação à implementação em larga escala e à sustentabilidade do aplicativo como uma intervenção tecnológica.
10.Sem nome	O artigo sugere que o aplicativo deve ser acessível e de baixo custo	O foco inclui violência de namoro (física, sexual e psicológica) e assédio sexual, além de abordar o uso indevido de álcool.	Deve garantir espaço seguro e discreto para os usuários. Ainda inlui um Inclui botão de alerta para emergências, notificações para contatos confiáveis e acionamento de recursos locais.	Jovens e adultos veem o aplicativo como uma ferramenta promissora para prevenir violência e uso de álcool. - Necessidade de recursos interativos, como quizzes, jogos e prêmios, para engajar usuários. - Inclusividade é essencial, considerando diferentes tipos de relacionamentos e experiências socioculturais.	O envolvimento de jovens no design do conteúdo é considerado crucial para a eficácia e aceitação." O estudo destaca a viabilidade de um aplicativo que engaje tanto jovens quanto adultos, com potencial para impactar positivamente a prevenção da violência e do uso de álcool. Recomenda-se a realização de pesquisas futuras para desenvolvimento, teste e integração em contextos escolares e comunitários.
11. i-Minds	Gratuito, desenvolvido para dispositivos móveis	Abuso sexual assistido por tecnologia (TASA), incluindo sextorsão, grooming online, pornografia de vingança e abuso	Avaliado como seguro pelos participantes. Nenhuma preocupação foi expressa quanto à privacidade ou segurança de dados.	Considerado aceitável e útil para ajudar os jovens a entenderem o abuso que sofreram, gerenciarem emoções e reduzirem vulnerabilidades relacionadas ao risco.Alguns participantes relataram que o conteúdo emocional foi inicialmente	É uma intervenção viável e segura para jovens expostos a TASA. Ele auxilia no manejo emocional, na compreensão do abuso e na mudança de comportamento. O estudo sugere que o i-Minds deve ser disponibilizado mais próximo ao momento do abuso para maior impacto.

		de imagens autogeradas.		desafiador, mas ajudou a processar suas experiências. O aplicativo influenciou comportamentos online e offline, promovendo maior segurança e resiliência interpessoal.	
12.ParentApp.	Gratuito	O ParentApp aborda maus-tratos físicos e emocionais, vitimização sexual e vulnerabilidade a violência sexual.	O aplicativo foi projetado para funcionar offline, minimizando riscos de exposição online. Os grupos de apoio pelo WhatsApp foram moderados por facilitadores treinados para garantir segurança e engajamento.	O estudo aponta que o ParentApp tem potencial para reduzir práticas abusivas em lares e promover práticas parentais positivas. Observou-se uma alta taxa de retenção dos participantes, com 97% dos cuidadores e 94% dos adolescentes completando o acompanhamento.	O uso de intervenções digitais como o ParentApp é viável em contextos de baixa e média renda, e a expansão de programas de apoio parental pode ser eficaz na prevenção de violência contra adolescentes. O estudo destaca a necessidade de suporte contínuo para a implementação em larga escala e adaptação cultural para diferentes comunidades.
13.Helpio, KidzLive, Child Abuse Prevention, Stop the Groomer, Game on POCSO, Elements of Child Sexual Abuse, Orbit Rescue e The Cece Yara App	A maioria dos aplicativos estava disponível gratuitamente para Android e iOS.	Os aplicativos abordam abuso sexual infantil, incluindo exploração sexual, exposição indecente, grooming e abuso de imagens.	Os aplicativos foram avaliados quanto à transparência no uso de dados pessoais, coleta de consentimento do usuário e presença de políticas de privacidade claras. A maioria dos aplicativos não atendia aos requisitos completos de segurança, especialmente em relação à proteção de dados.	Apenas dois aplicativos, "Child Abuse Prevention" e "Orbit Rescue", foram considerados adequados para uso em programas educativos escolares sobre prevenção de abuso sexual infantil. A maioria dos aplicativos falha em fornecer educação específica por idade e gênero. A maioria dos aplicativos carece de transparência e segurança adequada, especialmente na coleta de dados pessoais. Os aplicativos que utilizam abordagens baseadas em jogos são mais eficazes em engajar crianças no aprendizado sobre prevenção.	Embora existam muitos aplicativos que afirmam fornecer educação preventiva contra abuso sexual infantil, poucos são eficazes. Melhorias nas qualidades de software e inclusão de funcionalidades específicas são necessárias para torná-los úteis em programas educacionais. A abordagem baseada em jogos demonstrou ser a mais promissora para ensinar crianças sobre prevenção de abuso.

14."Feel the ViBe," "Cool and Safe," "HappyToto," e "SAP_MobAPP	Os aplicativos variaram entre gratuitos e pagos, e estavam disponíveis em plataformas como a web, dispositivos móveis (iOS/Android) e híbridos.	Violência emocional, negligência física e emocional, abuso sexual e maus tratos físicos.	O estudo não aborda a segurança do aplicativo.	Programas tecnologicamente assistidos mostraram-se eficazes em promover habilidades parentais e reduzir comportamentos de risco.Aplicações móveis e híbridas foram úteis para acessibilidade e engajamento.A maioria dos estudos focou nos pais, com melhorias observadas em seus conhecimentos e atitudes.	Os programas de prevenção baseados em tecnologia são práticas promissoras para combater abuso e negligência infantil, mas há necessidade de mais estudos para consolidar a eficácia de tais intervenções e explorar a segurança das plataformas.
15.GlobalConsent	O estudo não especifica se o aplicativo é pago ou gratuito, mas menciona seu uso para coleta de dados em um contexto educacional sobre consentimento e violência sexual.	Previne violência sexual	Não foram identificados detalhes sobre a segurança do aplicativo no texto, mas ele foi usado em um ambiente de educação sexual e prevenção de violência.	O estudo conclui que a mídia e a tecnologia têm um impacto tanto positivo quanto negativo sobre os jovens no Vietnã. Embora a mídia ofereça acesso a informações sobre saúde sexual, também propaga normas prejudiciais sobre violência sexual, coerção e estereótipos de gênero. Além disso, o aumento do uso de plataformas digitais expõe os jovens ao risco de violência sexual facilitada por tecnologia.	O estudo conclui que, para reduzir a violência sexual e promover atitudes de gênero mais equitativas entre os jovens no Vietnã, é crucial o desenvolvimento de programas educativos abrangentes que integrem a prevenção da violência sexual, educação sobre relações saudáveis e literacia midiática.
16.Red Flag.	Gratuito, disponível em itch.io.	Grooming sexual físico e online.	O jogo utiliza mecânicas de narrativa e feedback imediato para ensinar ações seguras e reconhecer sinais de grooming.	Os testes mostraram uma melhora significativa no conhecimento das crianças sobre prevenção de grooming após jogarem o "Red Flag".	O estudo conclui que o uso de jogos digitais é uma ferramenta eficaz para conscientizar crianças sobre grooming sexual, destacando a necessidade de expandir a amostra e aprimorar o design do jogo para aumentar sua eficácia.

7 DISCUSSÃO

Mediante os resultados supracitados, é nítida a crescente importância das tecnologias digitais no enfrentamento do abuso sexual infantil, especialmente no tocante à prevenção, identificação e denúncia. Ferramentas como o “i-Minds”, e o “SAP_MobAPP”, destacam-se por promoverem segurança pessoal, bem-estar e conscientização.

O i-Minds”, demonstrou eficácia ao auxiliar jovens expostos a abusos assistidos por tecnologia, oferecendo suporte emocional e minimizando fragilidades. Já o “SAP_MobAPP”, contribuiu significativamente para o reconhecimento de situações de risco e estratégias de evasão, promovendo a conscientização por intermédio da educação, como teorizado por Meyer (2017), dessa forma, sendo amplamente utilizado em ambientes escolares e domiciliares. Porém, os desafios identificados nos estudos destacam a importância de uma abordagem integrada e multifacetada.

Ferramentas como o aplicativo 'Protect Me', voltadas para a conscientização infantil, reforçam a necessidade urgente de políticas públicas sólidas e iniciativas comunitárias que assegurem a proteção das crianças, tanto em ambientes digitais quanto presenciais. Assim, a eficácia dessas tecnologias está vinculada não apenas ao avanço tecnológico, mas também à articulação entre diferentes setores sociais e governamentais, conforme apontado por Pelisoli e Piccoloto (2010).

Outro ponto, é que apesar de boa parte dos aplicativos citados na literatura contribuirem para a identificação da violência sexual na população jovem, é baixa amostragem no que se refere a presença de aplicativos destinados a denúncia de abuso sexual de crianças e adolescentes. Contudo, há exemplos e sugestões possíveis de serem implementadas e desenvolvidas em novos aplicativos, como a mencionada pelo estudo de Edwards et al, 2023, que inclui a adição de um botão de alerta em casos de emergência.

Além disso, foi válido notar que, aplicativos que utilizam gamificação, como o “Red Flag”, apresentam maior potencial de engajamento entre crianças e adolescentes, o que pode aumentar a eficácia das intervenções educativas, como apontado por Pelisoli & Piccoloto (2010). Todavia, é impreterível que essas ferramentas considerem o contexto sociocultural em que serão implementadas, assim, garantindo que suas funcionalidades atendam às necessidades locais e promovam mudanças comportamentais duradouras de fato.

Aplicativos como o "ShishuShurokkha", que adotam uma abordagem baseada em justiça transformativa, demonstram que a personalização e o envolvimento comunitário são componentes essenciais para o sucesso das intervenções voltadas à proteção

infantojuvenil. Essa estratégia desloca o foco da responsabilidade individual da vítima para a coletividade, promovendo uma abordagem mais inclusiva e eficaz.

Ao adotar funcionalidades como relatórios anônimos e mapeamento de casos, o "ShishuShurokkha" evidencia a relevância de considerar as necessidades específicas de cada contexto cultural e social em que é aplicado. Além disso, a inclusão da comunidade como um agente ativo na denúncia e prevenção do abuso sexual ressalta a importância de criar tecnologias que dialoguem com as particularidades regionais, possibilitando uma adaptação mais efetiva às realidades locais.

O desenvolvimento de ferramentas tecnológicas que incorporem elementos culturais e regionais se torna impreterível, pois amplia o engajamento dos usuários e garante maior eficácia das intervenções, promovendo mudanças estruturais e duradouras no enfrentamento dessa problemática.

A revisão também destacou a importância da educação sexual como componente central dessas iniciativas. Conforme apontado por Pelisoli e Piccoloto (2010), estratégias educacionais podem reduzir vulnerabilidades e promover maior conscientização. Aplicativos como o Protect Me exemplificam essa abordagem ao educar crianças sobre proteção corporal e situações de risco, envolvendo pais e cuidadores no processo educativo.

Embora os resultados sejam promissores, ainda há necessidade de avaliações contínuas e aprimoramentos nos aspectos de segurança e privacidade dos dados. A implementação em larga escala dessas ferramentas exige um esforço conjunto entre desenvolvedores, pesquisadores e autoridades para garantir sua sustentabilidade e eficácia. Dessa forma, é possível maximizar o impacto positivo dessas tecnologias na proteção de crianças e adolescentes.

Em consonância com os achados, conclui-se que os aplicativos móveis configuram uma alternativa inovadora e efetiva no tocante ao combate ao abuso sexual infantil, tendo em vista sua capacidade de oferecer suporte acessível e eficaz em diversos contextos.

O sucesso dessas tecnologias depende de esforços contínuos, que envolvam não apenas melhorias técnicas, mas também uma conexão profunda com as necessidades culturais e sociais do público que buscamos proteger. Destarte, é impreterível que essas ferramentas sejam desenvolvidas em consonância com as necessidades e especificidades das populações às quais se destinam, garantindo que sejam culturalmente sensíveis e operacionalmente eficazes.

Além disso, a articulação com políticas públicas abrangentes e bem estruturadas é tangente ao sucesso dessas iniciativas, pois apenas por meio da integração entre tecnologia e ações institucionais será possível alcançar um impacto significativo e sustentável. No entanto, é necessário destacar que a implementação dessas soluções deve perpassar do atendimento imediato, priorizando mudanças estruturais que transformem o enfrentamento dessa problemática a médio e longo prazo.

Outrossim, apesar da presente revisão de escopo tenha seguido um protocolo sistemático e criterioso, algumas limitações devem ser reconhecidas. Primeiramente, a heterogeneidade metodológica dos estudos incluídos dificultou a comparação direta entre os aplicativos analisados, especialmente no que tange à eficácia, usabilidade e impacto em contextos socioculturais distintos. Adicionalmente, a carência de avaliações longitudinais e de evidências empíricas robustas limita a capacidade de generalização dos achados.

Observou-se também uma lacuna significativa quanto à presença de aplicativos efetivamente voltados à denúncia ativa, sendo a maioria focada em estratégias educativas e preventivas, o que restringe a aplicabilidade imediata em situações de emergência. Soma-se a isso a ausência de critérios uniformes quanto à segurança digital, coleta de dados sensíveis e privacidade dos usuários, elementos cruciais diante da vulnerabilidade do público infantojuvenil.

Embora a busca tenha englobado bases amplas e fontes cinzentas, é possível que estudos relevantes não tenham sido capturados por estarem fora dos indexadores consultados ou em idiomas não contemplados na busca automatizada.

Por fim, entende-se que as intervenções digitais, quando integradas a ações coordenadas entre governos, organizações comunitárias e especialistas, podem contribuir de forma decisiva para a redução das vulnerabilidades que expõem crianças e adolescentes ao abuso sexual, promovendo um futuro mais seguro e equitativo.

8 CONCLUSÃO

Conclui-se que as tecnologias digitais representam uma alternativa inovadora e promissora no enfrentamento ao abuso sexual infantil, destacando-se como ferramentas indispensáveis para a conscientização, prevenção, denúncia e proteção de crianças e adolescentes.

Os aplicativos analisados evidenciaram níveis variados de eficácia, com ênfase naqueles que integram estratégias interativas, gamificação e abordagens educativas, como "Protect Me" e "Red Flag", os quais não apenas engajam o público infantojuvenil, mas também contribuem para mudanças comportamentais de longo prazo. Do mesmo modo, soluções como o "ShishuShurokkha", ao incorporar elementos de justiça transformativa e relatórios comunitários anônimos, ilustram o impacto positivo de estratégias que deslocam a responsabilidade individual para a coletividade, ampliando o alcance e a efetividade das intervenções.

Entretanto, apesar dos avanços identificados, persistem desafios que demandam atenção imediata. A ausência de diretrizes robustas de privacidade e a carência de funcionalidades específicas para denúncias emergenciais configuram lacunas que limitam o pleno potencial dessas ferramentas.

Além disso, observou-se que grande parte das soluções carece de uma adaptação sociocultural mais abrangente, capaz de dialogar com as particularidades das populações às quais se destinam. Tal sensibilidade cultural e regional não apenas fortalece a adesão às iniciativas, mas também amplifica o impacto educativo e preventivo das ações propostas.

Outro aspecto crítico identificado é a necessidade de avaliações contínuas e rigorosas, que possibilitem compreender o impacto de longo prazo dessas tecnologias. Elementos como a personalização das interações, a segurança digital e o envolvimento ativo de pais, cuidadores e comunidades emergem como componentes essenciais para a eficácia dessas ferramentas.

Adicionalmente, a inclusão de funcionalidades como botões de alerta e

estratégias de maior engajamento em situações de emergência, conforme apontado por estudos em desenvolvimento, revela-se indispensável para o aprimoramento de futuras implementações.

Assim, para que essas tecnologias se consolidem como soluções efetivas e sustentáveis no combate ao abuso sexual infantil, torna-se imprescindível adotar uma abordagem multifacetada, que alie inovação tecnológica, políticas públicas estruturadas e ações comunitárias coordenadas. Somente por meio de esforços conjuntos envolvendo desenvolvedores, governos, pesquisadores e organizações sociais será possível alcançar resultados profundos e duradouros. É essencial que essas iniciativas não apenas respondam a demandas imediatas, mas também contribuam para transformações estruturais no enfrentamento desse problema em médio e longo prazo.

Por fim, reafirma-se que os aplicativos móveis, quando integrados a ações coordenadas e embasados em evidências, possuem o potencial de reduzir significativamente as vulnerabilidades que expõem crianças e adolescentes ao abuso sexual. Mais do que ferramentas tecnológicas, essas soluções configuram-se como instrumentos de transformação social, promovendo segurança, equidade e um futuro mais digno para as gerações futuras.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A união entre o conhecimento teórico e prático da enfermagem com os recursos tecnológicos dos aplicativos tem o potencial de gerar soluções muito mais potentes. Essa integração pode ampliar significativamente a capacidade de identificação de casos e orientar, de forma clara e assertiva, os procedimentos a serem tomados diante da suspeita ou confirmação de abuso sexual infantil e juvenil.

No entanto, para que essa adoção seja prática e efetiva, é indispensável o envolvimento ativo de entidades públicas e políticas — tanto na criação de respaldo legal para esses apps, quanto na sua manutenção, divulgação e incentivo ao uso contínuo. Sem esse suporte institucional, os aplicativos correm o risco de virar mais uma ideia boa que ficou no rascunho.

Além disso, é essencial envolver profissionais de diferentes áreas para adaptar os mecanismos e funcionalidades dos aplicativos às realidades dos grupos sociais a que se destinam. Isso inclui desde a linguagem usada até os recursos interativos que despertam a atenção do público-alvo e divulgação. Objetivando aumentar ao máximo o número de denúncias, reduzir a subnotificação e transformar esses aplicativos em aliados reais no enfrentamento ao abuso.

10 REFERÊNCIAS

ALTUNPUL, Neslihan; KOÇTÜRK, Nilüfer**. Technology-based child abuse and neglect prevention programs: a systematic review.** *Psikiyatride Güncel Yaklaşımlar - Current Approaches in Psychiatry*, Turquia, 2024. Disponível em: https://awspntest.apa.org/record/2025-28090-007. Acesso em: 19 jan. 2025.

ANDERSON, Katherine M. et al. **The media and sexual violence among adolescents: findings from a qualitative study of educators across Vietnam.** *Archives of Sexual Behavior*, Estados Unidos, 2024. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38727786/. Acesso em: 19 jan. 2025.

ARKSEY, H.; O'MALLEY, L. **Scoping studies: towards a methodological framework.** *International Journal of Social Research Methodology*, 2005, p. 19–32. DOI: https://doi.org/10.1080/1364557032000119616. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1364557032000119616. Acesso em: 8 mar. 2024.

BATISTA, A. P**. Biblioteca digital de teses e dissertações.** [Dissertação na Internet]. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009. 90 p. Disponível em: https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/4091. Acesso em: 12 dez. 2023.

BRASIL. Lei nº 8.069/1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.** Brasília, DF: *Planalto.gov.br*, 13 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 10 mar. 2024.

BRASIL. Lei nº 13.431/2017, de 11 de abril de 2017. **Estabelece o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente).** Brasília, DF: *Planalto.gov.br*, 11 abr. 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13431.htm. Acesso em: 7 mar. 2024.

BRASIL. Decreto nº 5.017/2004, de 12 de março de 2004. **Promulga o Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional Relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em Especial Mulheres e Crianças.** Brasília, DF: *Planalto.gov.br*, 12 mar. 2004. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5017.htm. Acesso em: 2 mar. 2024.

BRASIL. **Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania**. Disque 100 registra mais de 17,5 mil violações sexuais contra crianças e adolescentes nos quatro primeiros meses de 2023. 2023. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/disque-100-registra-mais-de-17-5-mil-violacoes-sexuais-contra-criancas-e-adolescentes-nos-quatro-primeiros-meses-de-2023. Acesso em: 12 nov. 2024.

CONCEIÇÃO, M. M. **Sinais e sintomas de violência sexual infantojuvenil: relatos de profissionais de saúde.** *Revista de Enfermagem da UERJ*, 2021. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/download/57289/41205. Acesso em: 7 mar. 2024.

COWART-OSBORNE, Melissa et al. **Technology-based innovations in child maltreatment prevention programs: examples from SafeCare®.** *Social Sciences*, Estados Unidos, 2014. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25606347/. Acesso em: 8 jan. 2025.

DEBNAM, Katrina J.; KUMODZI, Trina. **Adolescent perceptions of an interactive mobile application to respond to teen dating violence.** *Journal of Interpersonal Violence*, Estados Unidos, 2019. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30600761/. Acesso em: 12 jan. 2025.

DREJER, Catharina et al. **Livestreaming technology and online child sexual exploitation and abuse: a scoping review.** *Trauma, Violence & Abuse*, Noruega, 2023. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36727734/. Acesso em: 19 jan. 2025.

EDWARDS, Katie M. et al. **Formative research to develop an app to prevent dating and sexual violence and alcohol use among high school youth.** *Journal of Community Psychology*, Estados Unidos, 2023. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36350588/. Acesso em: 17 dez. 2024.

ENAP. **Instrumento de identificação e avaliação de risco familiar: benchmarking de práticas nacionais e internacionais.** *Evidência Express*, 2022. Disponível em: https://repositorio.enap.gov.br/jspui/handle/1/7376. Acesso em: 11 mar. 2024.

FERRARI, Dalka C. A.; VECINA, Tereza C. C. **O fim do silêncio na violência familiar: teoria e prática.** *Editora Agora*, 2002, p. 81–94.

FERREIRA, C. F.; MORAES, M. H.; CIFALI, P.; CLAUDIA, A. **Guia operacional de enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes.** São Paulo: Ministério Público da Cidade de São Paulo, 2020. Disponível em: https://prioridadeabsoluta.org.br/wp-content/uploads/2020/10/guiaoperacionalinfancia-mpsp_alana.pdf. Acesso em: 14 jan. 2024.

FIRMO, F. A. **Abuso sexual infantil: consequências na vida da criança vitimada e a importância da atuação do psicólogo nesse contexto.** [Monografia na Internet]. Paracatu: Centro Universitário Atenas, 2020. 33 p. Disponível em: http://www.atenas.edu.br/uniatenas/assets/files/spic/monography/ABUSO_SEXUAL_INFANTIL_consequencias_na_vida_da_crianca_vitimada_e_a_importancia_da_atuacao_do_psicologo_nesse_contexto.pdf. Acesso em: 11 mar. 2024.

GAZETA DO POVO. **Aplicativo Sabe: crianças e adolescentes podem denunciar diferentes tipos de violência.** Curitiba: *Gazeta do Povo*, 15 out. 2021. Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/aplicativo-sabe-criancas-e-adolescentes-podem-denunciar-diferentes-tipos-de-violencia/. Acesso em: 8 mar. 2024.

GELAIN, D. **O teste de Zulliger-sc na avaliação da violência sexual infantojuvenil.** [Teste na Internet]. Campinas: Universidade São Francisco, 2019. 95 p. Disponível em: https://www.usf.edu.br/galeria/getImage/427/9621312833951209.pdf. Acesso em: 8 jan. 2024.

GLASS, Nancy. **Effectiveness of the myPlan Teen App: a digital healthy relationship and safety planning intervention with adolescents ages 15-17 years.** *American Academy of Pediatrics*, Estados Unidos, 2023. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/39066749/. Acesso em: 10 jan. 2025.

GOLDMAN, Sheree; GOYAL, Deepika. **Knowledge regarding child victims of commercial sexual exploitation and the feasibility of using a smartphone application: a pilot study.** *Journal of Forensic Nursing*, Estados Unidos, 2019. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30985544/. Acesso em: 19 jan. 2025.

GOTTARDI, T. **Violência sexual infantojuvenil: causas e consequências.** [Monografia na Internet]. Lajeado: Centro Universitário Univates, 2016. 71 p. Disponível em: https://www.univates.br/bduserver/api/core/bitstreams/b0be7fd1-fb93-4904-9fc8-b2b6da092e34/content. Acesso em: 26 fev. 2024.

HENDRICK, Ally Dian; JUPIT, Amelia Jati Robert; NORDIN, A. Imran. **Empowering youth through play: promoting awareness of sexual grooming among schoolchildren through game-based learning.** *Journal of Advanced Research in Applied Sciences and Engineering Technology*, Malásia, 2025. Disponível em: https://semarakilmu.com.my/journals/index.php/applied_sciences_eng_tech/article/view/5345. Acesso em: 5 jan. 2025.

KLAPWIJK, Jonathan et al. **A hybrid digital parenting programme to prevent abuse of adolescents in Tanzania: statistical analysis plan for a pragmatic cluster randomised controlled trial.** *Trials*, Tanzânia, 2024. Disponível em: https://trialsjournal.biomedcentral.com/articles/10.1186/s13063-024-08292-6. Acesso em: 16 dez. 2024.

MARQUES, D. O.; OLIVEIRA, K. S. M.; SANTOS, C. S.; OLIVEIRA, N. F. **Violência contra crianças e adolescentes: atuação da enfermagem.** *Revista de Enfermagem UEPE Online*, 2021. DOI: <10.5205/1981-8963.2021.246168>. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaenfermagem/article/view/246168. Acesso em: 8 fev. 2024.

MEYER, C. A. **O livro "O que é privacidade?": uma ferramenta de prevenção da violência sexual para crianças.** [Dissertação na Internet]. Araraquara: Universidade Estadual Paulista, 2017. 111 p. Disponível em: https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_sexual/4187.pdf. Acesso em: 6 jan. 2024.

MOON, Kyoung Ja; PARK, Kyung Min; SUNG, Yunsick. **Sexual abuse prevention mobile application (SAP_MobAPP) for primary school children in Korea.** *Journal of*

Child Sexual Abuse, Coreia do Sul, 2017. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28661824/. Acesso em: 19 jan. 2025.

Page MJ, McKenzie JE, Bossuyt PM, Boutron I, Hoffmann TC, Mulrow CD, et al. **The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews**. BMJ 2021;372:n71. doi: 10.1136/bmj.n71. For more information, visit: http://www.prisma-statement.org/o.

PALUSCI, V. J. **Instrumentos de avaliação de abuso sexual em crianças.** *Jornal de Pediatria*, 2007. p. 409–410. Disponível em: https://www.scielo.br/j/jped/a/389rwqPkB656D36DKXZ8phw/. Acesso em: 7 fev. 2024.

PIRES, A. C. **Papel do enfermeiro frente ao abuso sexual de crianças e adolescentes.** [Trabalho de conclusão de curso na Internet]. Brasília: Centro Universitário de Brasília, 2017. 21 p. Disponível em: https://www.scielo.br/j/jped/a/389rwqPkB656D36DKXZ8phw/. Acesso em: 7 fev. 2024.

PELISOLI, C.; PICCOLOTO, L. B. **Prevenção do abuso sexual infantil: estratégias cognitivo-comportamentais na escola, na família e na comunidade.** *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 2024. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872010000100007. Acesso em: 28 jan. 2024.

PHARSHY, Amita R. **Children's storytelling app for detecting potential child sexual abuse.** [Dissertação na Internet]. [S.l.]: OCAD University, 2016. Disponível em: https://openresearch.ocadu.ca/id/eprint/734/. Acesso em: 19 jan. 2025.

PRITHA, Sadia Tasnuva et al. **A systematic review of mobile apps for child sexual abuse education: limitations and design guidelines.** *International Journal of Mobile Learning and Organisation*, Bangladesh, Austrália, Canadá, 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/353051853_A_Systematic_Review_of_Mobile_Apps_for_Child_Sexual_Abuse_Education_Limitations_and_Design_Guidelines. Acesso em: 11 jan. 2025.

QUAYLE, Ethel et al. **Experiences of a digital health intervention for young people exposed to technology-assisted sexual abuse: a qualitative study.** *BMC Psychiatry*, Reino Unido, 2024. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38549096/. Acesso em: 15 jan. 2025.

QUAYLE, Ethel et al. **Implementation of a digital health intervention for young people exposed to technology-assisted sexual abuse.** *Child Abuse & Neglect*, Reino Unido, 2024. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38870708/. Acesso em: 8 jan. 2025.

ROSA, G. S. T.; MERLO, T.; OLIVEIRA, L. B. **Papel do enfermeiro na proteção e detecção de violência sexual infantil intrafamiliar.** *Epitaya E-Books*, 2021. p. 66–88. Disponível em: https://doi.org/10.47879/ed.ep.2021373p66x. Acesso em: 22 jan. 2024.

RANTANEN, Heidi et al. **Family needs checklist: development of a mobile application for parents with children to assess the risk for child maltreatment.** *International Journal of Environmental Research and Public Health*, Finlândia, 2022. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36011439/. Acesso em: 19 dez. 2024.

SULTANA, Sharifa et al. **ShishuShurokkha': a transformative justice approach for combating child sexual abuse in Bangladesh.** *CHI Conference on Human Factors in Computing Systems*, Bangladesh, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/360263626_'ShishuShurokkha'_A_Transformative_Justice_Approach_for_Combating_Child_Sexual_Abuse_in_Bangladesh. Acesso em: 6 jan. 2025.

SILVA, I. L. A.; SILVA, N. V. A.; SILVA, S. C. **Os impactos do abuso sexual infantil na vida adulta.** [Trabalho de conclusão de curso na Internet]. Belo Horizonte: Centro Universitário UNA, 2022. 24 p. Disponível em: https://repositorio-api.animaeducacao.com.br/server/api/core/bitstreams/b46994ff-08d7-4b08-a430-1c648e009bb7/content. Acesso em: 11 fev. 2024.

SILVA, A. C. O.; SANTOS, L. R.; SILVA, F. P.; SILVA, M. S.; OLIVEIRA, V. A. A.; TRANQUILINO, A. R. A. **Evidências clínicas e características gerais da violência sexual na infância.** *Revista de Psicologia*, 2023. DOI: <10.14295/idonline.v17i69.3849>. Disponível em: https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3849. Acesso em: 12 jan. 2024.

SILVA, L. M. P.; FERRIANI, M. G. C.; SILVA, M. G. L. **Atuação da enfermagem frente à violência sexual contra crianças e adolescentes.** *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reben/a/Pg3yqbv88yB3VxWrLqV8g4h/. Acesso em: 5 dez. 2023.

SONA, L.; BUENO, R.; ROVANA, K.; BUENO, J. R.; EVALDT, R. C. F. S. **Aplicativo de dispositivo móvel como ferramenta de exposição do acesso à informação em saúde.** *Observatório Interdisciplinar de Divulgação Científica e Cultural*, 2021. Disponível em: https://sites.unipampa.edu.br/cienciacao/2021/03/15/aplicativo-de-dispositivo-movel-como-ferramenta-de-expansao-do-acesso-a-informacao-em-saude/. Acesso em: 3 jan. 2024.

SHAN, Yushinan. **Protect Me: an interactive mobile educational tool for children to help and prevent sexual abuse.** [Tese na Internet]. [S.l.]: Rochester Institute of Technology, 2019. Disponível em: https://repository.rit.edu/theses/10319/. Acesso em: 19 jan. 2025.

TEXEIRA, B. **Disque 100 registra mais de 17,5 mil violações sexuais contra crianças e adolescentes nos quatro primeiros meses de 2023.** *Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania*, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/disque-100-registra-mais-de-17-5-mil-violacoes-sexuais-contra-criancas-e-adolescentes-nos-quatro-primeiros-meses-de-2023. Acesso em: 22 nov. 2023.

UNICEF. **Hidden in Plain Sight: A statistical analysis of violence against children.** New York: United Nations Children's Fund, 2014. Disponível em: https://www.unicef.org/reports/hidden-plain-sight. Acesso em: 16 jan. 2025.

UNICEF BRASIL. **Aplicativo Proteja Brasil: tecnologia e inovação na proteção dos direitos da criança e do adolescente.** Brasília, DF: Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2017. Disponível em: http://www.unicef.org.br. Acesso em: 14 jan. 2025.

VIOLÊNCIA sexual intrafamiliar: é possível proteger a criança? *Textos & Contextos*, Porto Alegre, v. 5, n. 1, 2006. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/1022. Acesso em: 2 fev. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Relatório da consulta sobre prevenção do abuso infantil.** Genebra, 1999. Disponível em: http://apps.who.int/iris/handle/10665/65900. Acesso em: 3 dez. 2023.